

CANGAÇO E SUA REPRESENTAÇÃO – (RE) LEITURAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Leonardo Paiva do Monte Rodrigues
Graduando em Licenciatura Plena em História - UEPB

Maria Jeane Domingos da Silva
Graduada em Licenciatura Plena em História - UEPB

Em “uma estranha peregrinação, velhas senhoras com terços nas mãos misturam-se a sertanejos vestidos ao estilo do cangaço. Quase ao pé do ouvido, um jovem, com seu chapéu de couro decorado, me confessa, que se Lampião fosse vivo, ele faria tudo para entrar em seu bando”. É o que escreve Ricardo Beliel na revista “Os caminhos da Terra”, reportagem feita sobre a romaria que não é dedicada a nenhum santo, mas a Lampião e Maria Bonita, com missa em frente à gruta em que tombaram em Angico.

Como um tema ainda pode gerar tamanha admiração? Como este mesmo tema pode criar imagens e representações de um povo? Por que o cangaço influencia o imaginário de homens e mulheres que vêem o Nordeste como um grande sertão repleto de tipos como Lampião e Maria Bonita? Não apenas pessoas fora do Nordeste, mas as próprias construções culturais dos nordestinos são influenciadas. Perceber como os “nordestinos constroem uma identidade que não é natural, nem essencial, como enfim eles se ‘nordestinizam’, ao mesmo tempo em que são ‘nordestinizados’”, como Margareth Rago escreveu.

O Cangaço. Assunto que ainda tem produzido controvérsias historiográficas. Que é cantado e contado através do cordel e de músicas tradicionais. Ou mesmo, representado em filmes que exibem diversas maneiras de ver o cangaço. Inúmeras são as formas de representar o cangaceiro: sanguinário, mítico, revoltado, contestador do sistema etc. Ainda, toda uma mitificação foi criada em torno dos cangaceiros e de seus atos. As narrações populares fazem com que a idéia de heroísmo ou banditismo cangaceiros persistam e criem admiradores e críticos.

Para Júlio J. Chiavenato,

“Os cangaceiros eram uma classe *potencialmente* revolucionária, mas não eram revolucionários: sequer contestavam o sistema, a não ser através de seu comportamento criminoso. Os cangaceiros vinham de um povo apático, quase abúlico, que sofria diante de uma realidade esmagadora, e que via na seca – e não no latifúndio mono-exportador – a origem de sua desgraça. Não tinham tradição pela luta social; não sabiam reivindicar. Essa potencialidade revolucionária diluía-se em sua própria alienação rebelde”.

Para este autor, os cangaceiros eram homens que serviam aos coronéis, com os quais até conviviam. Buscavam lucros, mas não uma mudança social. Já que eles seriam desprovidos dessa conscientização. Os coronéis (opressores do povo que admira o cangaceiro) usavam o “cangaço como meio de controle social de seus agregados e força militar na disputa pelo poder político em suas zonas de influência “.

Durval Muniz de Albuquerque Jr, sobre o cangaço, escreve:

“O discurso dos intelectuais marxistas tende a abordar fenômenos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo a partir de seus determinantes sociais, reduzindo-os quase sempre a mera explicação econômica. (...) O cangaceiro e o beato seriam indivíduos marginalizados pela sociedade e que, vistos como heróis pelos marginalizados como eles, podiam ser usados como exemplos de luta contra a opressão “.

Os cangaceiros seriam apenas fruto da escassez econômica? Marginalizados, e por se “levantarem” contra os opressores, passam a ser admirados e temidos pelo povo. E, pergunta Chiavenato, “por que o povo ultrajado admira o bandido? ” Seria porque o povo preferia ver o seu opressor “sofrendo” nas mãos dos cangaceiros a ver seu próprio sofrimento terminado?

E ainda falando sobre outro tipo de discurso, agora o literário, Albuquerque diz:

“Nessas narrativas o cangaço é destituído de qualquer conteúdo social, é produto de ‘um instinto’ quase animalesco, por um prazer sádico de matar, de violar, de incendiar, de saquear. Escondem-se os motivos sociais do cangaço, procurando minar a solidariedade popular e denunciar o apoio dos coronéis tradicionais a tal prática ”.

Seria feita toda uma dramatização do cangaceiro, torná-lo sanguinário e irracional por natureza.

De construções intelectuais sobre o cangaço, sejam da esquerda ou da direita. Ou as construções que o povo faz, ou mesmo nos cinemas, na imprensa e em romances, essa arte tem contribuído para o preconceito em relação ao Nordeste e ao nordestino, idéias que não foram apenas criadas fora da região, “mas por seus próprios discursos e reproduzida por seu próprio povo ”.

Lampião, como símbolo, representa o Nordeste, nas suas formas exteriores. O cangaço “reforça essa imagem do nordestino como homem violento e do norte como uma terra sem lei, submetida ao terror dos bandidos e facínoras, além da violência de suas oligarquias ”. O Nordeste ao ser lembrado, o estereótipo cangaceiro surge: trajes típicos do sertão, arma a mão, forte sotaque e as “mulheres machos”. E toda essa caracterização ainda se faz presente no nosso meio. Sendo aceita, muitas vezes, de forma acrítica ou mesmo, de forma preconceituosa e lúdica.

No cordel, podemos perceber o quanto o cangaço tem influenciado seus temas e produções.

“Lampião vive como símbolo e é amado, pois já não representa perigo algum. Lampião está no

Nordeste ”. A literatura de cordel transmite esse sentimento, e constrói a imagem do cangaceiro como o justiceiro, homem valente, amigo do pobre e de coronéis. Segundo Albuquerque: “o cordel forma uma estrutura narrativa, uma linguagem e um código de valores que são incorporados em vários momentos, na produção artística e cultural nordestina”.

Esse reaproveitamento jocoso da imagem de Lampião era impensável quando o cangaceiro estava vivo. Antes do seu fim, o poeta Laurindo Gomes Maciel, seu contemporâneo, apela ao Governo para que acabasse logo com sua raça, prova de que nem todo mundo via Lampião como um Robin Hood:

“Lampião é uma fera
Como todo mundo sabe.
Seu nome no Universo
Não terá mais quem o gabe.
Eu temo ele (sic) não me jure
Mas não há bem que ature
Nem mal que nunca se acabe. (...)

Virgulino Lampião,
Se achar meu verso ruim
Deus queira que o Governo
Brevemente dê-lhe fim
Falei somente a verdade
Lampião, por caridade
Não tenha queixa de mim. ”

Considerado como uma fera, alguém a quem se deve temer, essa idéia no cordel ajudou na mitificação do cangaço, mesmo sendo uma idéia contrária aos cangaceiros. E essa noção de coragem e medo, é contada de geração em geração, criando e fortalecendo a imagem do cangaço. Este discurso do cordel se torna “um difusor e cristalizador de dadas imagens, enunciados e temas que compõem a idéia do Nordeste ” que talvez perpetue essa noção de uma grande região Cangaceira.

Mesmo o amor de Lampião por Maria Bonita se tornou digno de tema do cordel. Otacílio Batista Patriota mostra que mesmo o homem mais valente sucumbe aos encantos duma bela mulher. Ainda mais se ela se chamar Maria Bonita:

“Virgulino Ferreira, o Lampião
Bandoleiro das selvas nordestinas
Sem temer a perigo, nem ruínas
Foi o rei do cangaço no sertão
Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor
A mulata da terra do condor
Dominava uma fera perigosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor”.

Ao herói é dada certa romantização, uma mulher que consegue “domar” o rei do sertão. Mesmo, Maria Bonita se tornará referência para se descrever a mulher nordestina, uma mulher que domina “feras perigosas”, que está disposta a sofrer e lutar lado de seu parceiro. À mulher nordestina é atribuída toda uma valentia sertaneja, uma disposição natural para se submeter aos rigores do cotidiano e às lutas constantes que devem ser enfrentadas. Esse referencial cangaceiro para as mulheres ainda é fortalecido atualmente, em filmes, músicas, romances, e mesmo na mentalidade das pessoas.

No cordel forma-se toda uma narrativa de valores e construções em torno do cangaço, que é incorporado em diversos momentos na produção artística e cultural nordestinas. Fazendo com que essa maneira cangaceira de se representar o nordestino se torne natural e até cultural. Como se tal imagem já fosse inerente à condição de ser nordestino. Tornando o homem e mulher nordestinos cangaceiros do século XXI, e isso vai sendo aceito de forma natural.

Mas não apenas o cordel tem influenciado, mas a imprensa tem imensamente contribuído para a atual construção da mentalidade sobre o Nordeste. E, sobre o cangaço e sua mitificação pela imprensa, nos diz Chiavenato que “na formação do mito a imprensa vai exercer um papel importante. As precárias gazetas interioranas exageram as proezas de Lampião, na esperança de obter mais atenção dos políticos. Os grandes jornais desprezam a realidade social, dramatizam o banditismo ou romantizam os cangaceiros”.

Essas inúmeras versões sobre cada crime e cada cangaceiro ajudaram a criar os mitos a cerca do cangaço. É notório o poder que a mídia tem em construir e desconstruir imagens e idéias. E ela se utilizou disso para perpetuar a imagem do homem nordestino. As reportagens que são feitas sobre o

Nordeste, “não são feitas para descobrir algo novo a seu respeito, mas reafirmar a sua imagem já estabelecida, que significa, ao mesmo tempo, reforçar a imagem construída para o Sul etc”.

O Cangaço ao ser exibido pela mídia, é feito de forma a corroborar a idéia desse Nordeste “nordestinizado”, onde a barbárie cangaceira seria unicamente um fruto nordestino, que tamanha violência seria algo inerente ao sertão ignorante e esquecido. Esquece-se de movimentos violentos no Sul do país, querem nos passar uma idéia de Nordeste cangaceiro e Sul desenvolvido. Tal idéia ainda habita a mente de muitas pessoas, no Sul e no Nordeste do Brasil, sendo cristalizado cada vez mais pela mídia e por interesses regionais. E o cangaceiro se torna um personagem que é identificado com o homem nordestino. Mesmo depois de mais de meio século a sua imagem permanece. E a mídia ao se ater nas desgraças do sertão com sua seca, na pobreza de parte da população e suas tradições, e mesmo usando como fundo musical as típicas músicas do sertão, remete a idéia do Nordeste cangaceiro, com os mesmos problemas e sofrimentos de Lampião e seu bando. Focalizam nas vítimas da seca, no gado que morre e perece, no solo seco e rachado. No analfabetismo, tradições, superstições e lendas. Muitas vezes se esquecem que o Nordeste não é só sertão e nem pobreza. Ou mesmo que o Sul não é só riqueza e prosperidade. Passam-nos a imagem do cangaceiro ignorante oposto ao homem de negócios do sul.

O cinema e o teatro também fazem uso do cangaço como tema. O filme de Glauber Rocha, *Deus e o Diabo na terra do sol*. Um “Puro mito”, segundo Júlio Chiavenato. Álias, a mitificação faz parte das produções cinematográficas. O que, como os demais instrumentos de arte e cultura, influenciam a mentalidade das pessoas, construindo, desconstruindo e mantendo imagens sobre o Nordeste. Peças de teatro apresentam um nordestino cômico. Mesmo Lampião, apesar de sua valentia, é representado de forma hilária.

O cangaceiro foi escolhido como um dos representantes do Nordeste, seja pela sua luta, violência, sua coragem, seus amores e mesmo seu fim. Seus atos entraram para História. E essa História, os mitificou. A cultura seja nos cinemas ou no cordel, a imprensa e o próprio povo aceitaram e ajudaram essa mitificação e idealização cangaceira. E, não apenas o mito, mas também seu papel como representação do homem nordestino. Representação aceita e criada pelos próprios nordestinos, de forma consciente ou não. E também construída pelos intelectuais do Sul do país.

Apesar do muito que já foi escrito e estudado sobre o cangaço, o mito ainda é presente em nosso meio. As controvérsias sobre o heroísmo ou banditismo ainda se mantêm. E, apesar, das divergências, ambas as interpretações alimentam o mito e suas representações.

O nordestino ainda é visto como um sertanejo, cangaceiro e atrasado. Até mesmo a forma como o nordestino vê a si mesmo faz com que ele seja mais uma representação. Uma construção cultural.

Seja por querer ser a vítima das injustiças. Ou ser o sofredor da seca. Ou até o orgulhoso em ser nordestino. Não é procurando mostrar quem mente e quem diz a verdade, mas passar a analisar as construções e seus preconceitos de forma crítica. Tendo a consciência que o Nordeste não é simplesmente um grande sertão e que seus habitantes não são os cangaceiros de outrora.

PALAVRAS-CHAVE: Cangaço, Cultura, Mito.